

EDUCAÇÃO POPULAR E CUIDADO À SAÚDE NO CAMPO: SITUAÇÕES LIMITES E A CONSTRUÇÃO DE INÉDITOS VIÁVEIS POR MULHERES CAMPONESAS

Iraí Maria de Campos **Teixeira** – UFSCar

Resumo

Compreende-se cuidado à saúde enquanto prática social que manifesta peculiaridades da cultura de quem a pratica e gera interações entre indivíduos e entre estes e os ambientes em que vivem. Nas práticas sociais promovem-se processos educativos pelos quais sujeitos dão sentido a si mesmos, aos outros e ao mundo, no e com o qual adquirem suas experiências. Este trabalho objetivou investigar os processos educativos que se dão nas ações de cuidado à saúde promovidas por mulheres de um assentamento do estado de São Paulo. Adotou-se como metodologia a Pesquisa Participante. No processo de busca por um cuidado para com a comunidade em que vivem, as camponesas percebem as barreiras que lhes são impostas e reconhecem o potencial de superação das ações que realizam. Identificamos algumas dessas barreiras e as descrevemos como situações limites. Compreendemos a busca por superação dessas barreiras como o anúncio de inéditos viáveis. As ações de cuidado à saúde das camponesas contribuem para a superação das desigualdades e desafios que lhes são impostos e para uma efetiva promoção da saúde no campo.

Palavras-chave: Processos educativos. Cuidado. Mulheres camponesas.

EDUCAÇÃO POPULAR E CUIDADO À SAÚDE NO CAMPO: SITUAÇÕES LIMITES E A CONSTRUÇÃO DE INÉDITOS VIÁVEIS POR MULHERES CAMPONESAS

INTRODUÇÃO

O cuidado é, segundo Erdmann et al (2005), função primordial na sobrevivência de todo ser vivo, especialmente do ser humano, e o acompanha ao longo do seu processo existencial. Segundo Ayres (2000), se o ser humano não receber cuidado desde o nascimento até a morte, desestrutura, definha, perde sentido e morre.

Para Boff (1999), cuidar é uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e de desenvolvimento afetivo com o outro. A atitude de cuidar gera atos que denotam

preocupação com as pessoas, zelo pelas relações de amizade, interesse pelo bem-estar, desvelo para tornar o ambiente agradável e diligência para resolver assuntos. Segundo o autor, o ser humano desenvolve a habilidade de cuidar de si mesmo, dos outros, do planeta e de detectar e decidir sobre o sentido de cuidar.

Segundo Erdmann et al (2005, p. 419), “o cuidar é existencial, relacional, contextual e complexo, e é construído entre os seres que cuidam e os seres que são cuidados”. Ele é desenvolvido em qualquer relação do ser humano, nos mais diversos espaços sociais como por exemplo o lar, o trabalho, a creche. Assim como nos ambientes onde as ações de cuidado acontecem com mais especificidades: hospitais, clínicas e asilos. Ou seja, em qualquer lugar onde seres humanos relacionam-se entre si e com a natureza/ambiente encontramos o contexto de cuidado (ERDMANN et al, 2005).

Cuidado à saúde é compreendido como toda e qualquer ação desenvolvida com a intenção de promover, manter ou recuperar a saúde. Compreende-se saúde como um estar dinâmico na vida, sempre singular, funda-se na atividade incessante dos seres para manterem-se vivos, corresponde à capacidade de enfrentar adversidades e de expandir as condições de vida (BARROS, GOMES, 2011)

Nessa pesquisa, entendemos o cuidado à saúde enquanto uma prática social que manifesta as peculiaridades da cultura de quem a pratica e gera interações entre indivíduos e entre estes e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Compreendemos prática social como um conjunto de ações e relações estabelecidas entre pessoas e grupos sociais que compartilham distintas maneiras de ser, pensar, agir e conduzir as experiências vividas (OLIVEIRA et al, 2009).

As posturas, ações e estratégias elaboradas no interior de práticas sociais têm como finalidade manter a sobrevivência material e simbólica dos grupos e solucionar os problemas que lhes desafiam. Ao se relacionarem nessas práticas, os sujeitos vão construindo sua identidade, à medida que significam a si próprio, aos outros e ao mundo (SOUSA, 2007; OLIVEIRA et al., 2009; TEIXEIRA, 2012).

A partir do que compreendemos em Freire (2005), os sujeitos não estão apenas *no* mundo, mas estão *com* o mundo, o que os torna sujeitos de relações. O mundo é tanto o horizonte das suas experiências, como campo de todos seus pensamentos e percepções. Nesse processo de significação do mundo, todos são sujeitos de sua própria destinação histórica, autores de sua existência e de seus saberes. O processo histórico no qual sujeitos intersubjetivamente dão sentido a si mesmos, aos outros e ao mundo, no e com o qual

adquirem suas experiências é o que compreendemos como processos educativos (SOUSA, 2007; OLIVEIRA et al., 2009; TEIXEIRA, 2012)..

Ao se investigar os processos educativos decorrentes da prática social do cuidado à saúde de mulheres camponesas, Teixeira (2012) conheceu suas compreensões de saúde. Compreende-se a partir dessa pesquisa uma saúde que incorpora a percepção de que somos natureza, somos a terra, somos a comunidade. Junto a essa compreensão, entendemos que no contexto camponês, o cuidado em saúde abrange a luta pela terra (TEIXEIRA, 2012).

Os saberes e fazeres de camponesas acerca da construção social do assentamento onde vivem, das políticas de educação e saúde, do acesso aos serviços, entre tantos outros contribuem para a transformação e manutenção da realidade vivida. Percebeu-se na atuação cotidiana dessas mulheres, iniciativas de intervenções comunitárias e mobilizações populares, que se caracterizam como eficientes trabalhos de educação e saúde, num processo de autonomia e libertação (id. *ibid.*).

Identificou-se que a discriminação sofrida pela população do campo se configura com um aspecto prejudicial à saúde desses sujeitos, enquanto as ações de combate a essa discriminação, assim como ações de conscientização e fortalecimento da identidade e cultura camponesa se configuram em formas de cuidado (id. *ibid.*).

Ao buscarmos na literatura, identificamos evidências das desigualdades e necessidades em saúde expressas por camponeses e camponesas.

De acordo com Wunsch et al (2014):

A hostilidade que permeia o meio rural tende a converter-se em acidentes de trabalho, com lesões corporais diversas. O viver em ambientes rurais estabelece para as famílias uma rotina vinculada a um trabalho constantemente permeado por perigos e possibilidades para acidentes dos quais devem se proteger. O cuidado com a prática do trabalho reduz os índices de morbidade, porém, não ameniza os riscos ambientais, ergonômicos e acidentais, a que as famílias se encontram subordinadas (WUNSCH ET AL, 2014, P. 536).

Os ambientes rurais e seu modo de organização expõem as famílias a diversos riscos ambientais, os quais se configuram em fatores agressivos à saúde (WUNSCH ET AL, 2014). As dificuldades em acessar os serviços de saúde fortalecem a exclusão do assentamento e tais constatações servem para ponderar acerca das falhas, envolvendo as políticas de saúde voltadas para a população do campo (CARNEIRO et al, 2008). Os movimentos de luta pela terra buscam melhores condições de saúde pública para a população do campo.

Percebemos que das resistências e conhecimentos produzidos acerca da luta pela terra, são poucas e recentes, as pesquisas nas quais as mulheres são protagonistas das ações investigadas nesse contexto ou sujeitos colaboradoras da pesquisa. Frente à esta lacuna no conhecimento, esta pesquisa investigou as práticas de cuidado à saúde sob o enfoque da área de educação ressaltando o protagonismo das mulheres camponesas. Compreende-se que a presente pesquisa pode contribuir para a produção acadêmica, pois traz resultados sobre como as mulheres camponesas aprendem e ensinam práticas de cuidado à saúde, numa perspectiva não escolar de educação do campo.

QUESTÃO E OBJETIVOS

Perante o exposto, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: “Quais processos educativos estão presentes nas ações realizadas pelas mulheres do Assentamento Monte Alegre nos âmbitos político, social e cultural em benefício da saúde de camponesas e camponeses?”.

Para tanto, objetivamos investigar os processos educativos que se deram nas ações de cuidado à saúde promovidas pelas mulheres do Assentamento Monte Alegre, localizado na região central do estado de São Paulo. Ações de cuidado à saúde compreendidas tanto como as atividades realizadas quanto como as reflexões envolvidas no contínuo processo de práxis e de construção de saberes e fazeres em saúde.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se como metodologia a Pesquisa Participante. Na Pesquisa Participante, a investigação em comunidades populares é uma atividade política e pedagógica, mais ampla e de maior continuidade que a pesquisa. Desta forma, o pesquisador constrói o projeto científico de pesquisa dialogando com o projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir (BRANDÃO, 1981, 1987).

Nesta investigação, onze mulheres que residem e trabalham no Assentamento Monte Alegre, localizado no interior do estado de São Paulo, se configuraram como sujeitos participantes dessa pesquisa. Das onze participantes, cinco compõem a Associação de Mulheres do Assentamento Monte Alegre, quatro são agentes comunitárias de saúde - ACS da Equipe de Saúde da Família do assentamento; uma é participante da associação e também agente comunitária de saúde no assentamento; e uma é feirante e trabalhou como auxiliar de

limpeza da Unidade de Saúde no período de coleta de dados, quando foi convidada a participar da pesquisa.

Todas as participantes da pesquisa são assentadas e trabalham nos sítios, se dedicando ao roçado e à criação de animais, além dos cuidados domésticos como limpeza da casa e preparo de alimentos. Mantivemos os nomes reais ao longo do trabalho, pois é de interesse das participantes serem reconhecidas enquanto colaboradores da pesquisa, sujeitas das ações que serão descritas.

Os dados foram coletados por meios da observação de natureza participante. A observação participante é

aquela na qual o pesquisador se integra à realidade que pretende observar, convertendo-se em um a mais do grupo social objeto de estudo. Nela se favorece a intersubjetividade, incluindo ao investigador. Busca descobrir o sentido, a dinâmica e os processos dos acontecimentos que se dão em um determinado contexto social desde o ponto de vista dos participantes (VÁZQUEZ NAVARRETE et al., 2009, p. 69).

As observações participantes foram registradas em diário de campo. Na elaboração de um diário de campo se descrevem “as reflexões pessoais assim como as vivências, as percepções, as expectativas, as relações estabelecidas com os sujeitos, seu sentimentos, suas expressões” (VÁZQUEZ NAVARRETE et al., 2009, p. 70). Para auxiliarem nesses registros e na posterior análise dos dados, recorreu-se à gravações de áudio e registros fotográficos, previamente autorizados pelas participantes da pesquisa.

Os dados coletados por meio das observações participantes e registro em diário de campo foram analisados considerando seus conteúdos (BARDIN, 2008) e foram apresentados sob a forma de descrição. De acordo com Silva (1987), a descrição é um modo de apresentar a experiência vivida da maneira como foi experimentada por aqueles que vivenciaram a situação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados revelam que as participantes da pesquisa tem em comum o desejo de promover saúde no assentamento que as aproxima e direciona suas ações de cuidado. Nesse processo de busca comum por um cuidado para com a comunidade em que vivem, estabelecem relações dialógicas nas quais, intersubjetivamente, vão dando sentido a si mesmas, as outras e ao mundo.

Criticamente, percebem que agir e mobilizar-se se faz necessário para ultrapassarem as barreiras que lhes são impostas e reconhecem o potencial de superação do trabalho que realizam de forma coletiva. Aprenderam que se encontrando, conversando, escutando, dividindo tarefas, se ajudando elas se aproximam do que almejam como qualidade de vida no assentamento.

Identificamos algumas dessas barreiras e as descrevemos como situações limites, que segundo Freire (2005) explicitam os mecanismos de opressão e contradições sociais que, numa perspectiva fatalista, podem ser considerados como obstáculos intransponíveis, gerando a adaptação à realidade vivida.

Perceber uma situação-limite é uma tomada de consciência crítica que desafia ao engajamento na busca pela transformação dessa realidade. Numa perspectiva consciente, com uma atitude de superação, os sujeitos anunciam o que Freire (2005) chama de inédito-viável, ou seja, uma situação nova e ainda não experimentada, mas que pode ser obtida pela ação dos seres no mundo a ser transformado.

Compreendemos a busca das camponesas por superação das barreiras que lhes são impostas como o anúncio de inéditos viáveis. A seguir, apresentamos um quadro síntese dos obstáculos, adversidades ou barreiras identificados na pesquisa como situações limites e os processos de construção de inéditos viáveis percebidos nas ações das participantes (Quadro 1).

QUADRO 1: Síntese de situações limites e construção de inéditos viáveis.

SITUAÇÕES LIMITES	INÉDITOS VIÁVEIS
Idosos excluídos e solitários – cultura do campo se perdendo	Promoção de atividades e espaços de sociabilidade Reforma do galpão
Jovens queixam de falta de possibilidades de educação, trabalho e lazer no campo e desejam ir para a cidade	Promoção de atividades e espaços de sociabilidade Reforma do galpão
Conflitos entre as mulheres na associação	Cuidado requer diálogo, respeito, solidariedade.
Falta de investimento nos órgãos públicos	Busca por editais
Exclusão e discriminação sofrida pela população do campo	Participação em feira, cursos, eventos que aproximam campo-cidade
Riscos à saúde no uso e manutenção de agrotóxicos	Produzindo, consumo e comercialização de orgânicos

Uma situação percebida pelo grupo como barreira que precisava ser superada é a solidão em que se encontram alguns idosos. Wanda se referiu a uma idosa de seu convívio quando disse:

Eu tenho uma senhora, ela ficou viúva, 12 anos de assentamento, ela tem 78 anos. Ela vive sozinha, sozinha. Ela diz que o mais duro é a noite, é a solidão dali, ficar ali... só. Eu falo para ela de ir embora do assentamento! Mas ela não quer ir embora de jeito nenhum. (Diário de campo I - Dia 05/05/2012 - Wanda)

Preta, após ouvir o relato de Wanda, disse:

O que está precisando muito para as mulheres é uma terapia, elas estão entrando muito em depressão. Falta de saber como é que o filho está lá na cidade [...] Assim, sabe, elas precisam fazer algo diferente, saber que amanhã vai ter um grupo de terapia, uma atividade, um passeio que seja. (Diário de campo I - Dia 05/05/2012 - Preta)

O grupo de mulheres participantes dessa pesquisa tem pensado ações para cuidarem das idosas do assentamento. Atividades de lazer e recreação que façam com que estas saiam um pouco do interior de seus lares e vivenciem o convívio social.

Elizete contou sobre sua experiência familiar, e disse: “Minha mãe estava com depressão. Eu entrava em casa, olhava para ela lá, pra baixo, sem vontade. Eu acho que primeiro a gente tem que se amar”.

Sobre o envelhecer no campo, Sueli contou que sua mãe, de 88 anos e que mora no lote da frente, tem a “saúde de ferro”, sem doenças crônicas e com exames endocrinológicos todos apontando uma boa saúde. Conta que a mãe trabalha muito até hoje e o segredo de sua saúde é a alimentação natural da vida toda e o chimarrão diário, hábito que trouxe do Paraná, de onde é natural.

Minha mãe já tem 88 anos e tem uma saúde de ferro. Não tem colesterol alto, nem diabetes, nem pressão alta. Não tem nada. Trabalha o dia todo na casa, é muito ativa. O segredo dela é que sempre comeu a comida da fazenda. Criar as galinhas, os porcos, planta as verduras, e toma chimarrão todo dia. (Diário de campo IX - Dia 31/01/2015 – Sueli)

Percebemos como parte do processo educativo dessas mulheres o aprendizado ao acompanharem o envelhecer de seus familiares. Perceber os hábitos que contribuem para o bem estar na velhice assim como perceber que a falta de auto-estima prejudica a qualidade de vida das idosas é um aprendizado que elas levam para seus cuidados pessoais e para o planejamento das ações de cuidado que promovem junto aos idosos e idosas do assentamento.

Outra situação que o grupo busca superar é a questão das poucas possibilidades de educação e lazer para os jovens no assentamento. Os jovens tem acesso até o ensino fundamental no assentamento, precisando ir para as cidades próximas para concluir os estudos. As participantes se referem às queixas dos jovens sobre essa falta de atividades.

Eu vejo as meninas lá em casa. Passam o dia todo no sofá. Eu falo para elas procurarem algo para fazer e elas reclamam que não tem nada para fazer. (Diário de campo III – Dia 19/01/2013 - Maria)

Elas percebem que uma das causas dos idosos ficarem sozinhos no assentamento é a ida dos jovens para a cidade em busca de novas oportunidades. Os jovens percebem na cidade uma possibilidade de bem estar que não estão encontrando no assentamento. Os idosos que desejam permanecer no assentamento percebem ali suas possibilidades de bem estar. Elas também percebem na vida no campo possibilidades de se ter bem estar que a cidade não proporciona e acreditam que colocar jovens e idosos em diálogo poderia promover processos educativos acerca do viver no campo, a partir da troca de experiências de ambos.

Jisele aponta para importância da relação entre as crianças que vivem na cidade com seus avós que vivem no campo. Ela acha que a vida na cidade tem algumas vantagens como a educação e o acesso a alguns serviços como a assistência a saúde, contudo, as crianças têm se distanciado da terra:

Acho muito importante que eles venham passar esses dias com a gente aqui no sítio. Em casa elas fica muito tempo vendo televisão e jogando no tablet, com celular. Aqui elas têm espaço para brincar correr, mexer na terra, cuidar dos bichos. [...] A cidade é boa também, acho lá bom pra elas porque tem a escola, tem como chegar rapidinho nos lugares, se precisar de algo, um remédio, está doente, também chega rápido [...] mas, sem esse contato com a terra, as crianças podem se esquecer da onde vieram e aí, como vão saber para onde vão?" (Diário de campo VIII - Dia 06/12/2014 - Jisele)

Identificaram como forma de valorização do idoso a importância de aproximarem os jovens destes para que convivesses e dialogassem sobre suas experiências. Pensaram em levar os jovens nas visitas domiciliares aos idosos para que se aproximassem. Com essa ação, acreditam estar contribuindo para a preservação do modo de vida no campo.

Para isso, precisariam aproximar os jovens do trabalho realizado pelas Agentes Comunitária de Saúde – ACSs junto à Equipe de Saúde da Família. As ACSs apontaram a necessidade de se promover saúde em diferentes espaços, atuando em diversos temas com distintas populações, por exemplo: necessidade de se promover campanhas sobre o diabetes, sobre a dengue, atividades de orientações sobre o uso adequado dos medicamentos, sobre

37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis

cuidados na gestação, prevenção do abuso de álcool e outras drogas, entre muitas outras coisas.

Uma proposta que se anunciou foi a de se montar um grupo de jovens que auxiliaria no planejamento e nas atividades das campanhas organizadas pela equipe de saúde. Consideraram que, desta forma, os jovens estudariam temáticas relacionadas à saúde e aplicariam sua criatividade e energia num trabalho para a comunidade.

Tínhamos que fazer algo para esses jovens ocuparem a cabeça, gastar energia. Tipo, fazer uma gincana pra ajudar no mutirão da dengue. Eles ajudam a fazer as orientações e procurar focos do mosquito. Podem ajudar a pensar a campanha. (Diário de campo I - Dia 05/05/2012 - Preta)

Pensaram que as crianças menores poderiam participar, nas atividades de artes, ajudando na confecção das caixinhas entregues aos idosos para organizarem os medicamentos.

Algumas pessoas não sabem ler e confundem os remédios e os horários de tomar a medicação. Até as que sabem ler se confundem as vezes. Então, estamos fazendo caixinhas para que as pessoas possam guardar os medicamentos separados pelo horário que devem tomar. As vezes colocamos desenhos de sol e lua, ou um prato pra dizer que é junto com o almoço, depende do remédio, da pessoa. E as crianças podiam ajudar. A gente podia pedir pra escola pra elas guardarem caixinha de leite, de creme de leite, sabe, e poderíamos fazer umas atividades pra eles encaparem, pintarem, colarem as orientações. Eles são criativos, poderiam dar ideias. (Diário de campo I - Dia 05/05/2012 - Leonilda)

Para se estimular a participação e autonomia dos jovens e das crianças na promoção da saúde, o grupo concluiu que seria importante ter o apoio da escola, da Secretaria de Educação e da Secretaria de Saúde. Ficou decidido que esta ideia seria levada para a equipe de saúde da família e secretaria de saúde pelas ACSs e as associadas da padaria falariam com a direção da escola que poderia auxiliar e pedir apoio à Secretaria de Educação.

Ao conversarmos sobre as ações que haviam ocorrido nos últimos meses, soube que haviam conseguido o apoio da Secretaria de Educação de Motuca e uma parceria com a direção da escola, que concorda com a necessidade de se promoverem mais atividades de esporte e lazer para os jovens, que poderiam ser realizadas no espaço da escola. Este foi um ano de eleição municipal e houveram mudanças na gestão de Motuca, que dificultou a realização de alguma atividade conjunta, até o momento. (Diário de campo III – Dia 19/01/2014)

Percebemos como situação limite, as dificuldades impostas pelas gestões para romper com a prática educacional bancária e promover espaços para que os jovens e as crianças

possam ser proativos, autônomos e críticos. Nenhum recurso para a reforma do galpão foi levantado até o momento. Conversamos sobre novas possibilidades e o grupo decidiu investir na busca por editais que pudessem financiar essas ações.

Na busca por editais, as associadas participantes da pesquisa concorreram ao Prêmio Nacional Usina do Trabalho, promovido pela Consul e pelo Instituto Consulado da Mulher e ganharam o primeiro lugar. Para concorrer a este prêmio, foi necessário se organizar e dividir tarefas, relata Jisele:

Pensamos em desistir muitas vezes, porque pediam muitos documentos, precisamos correr em cartório, autenticar cópias, escrever uma proposta e postar tudo isso no correio no prazo certo. No fim deu certo! Conseguimos nos inscrever e até ganhamos! (Diário de campo VII - Dia 14/08/2014 – Jisele)

Segundo Elizete, essa premiação veio coroar o esforço da Associação e afirmar que “elas são capazes de fazer qualquer outra atividade além do trabalho braçal e pesado do campo” (Diário de campo VII - Dia 14/08/2014 – Elizete). Para ela e as outras mulheres, trata-se de uma realização profissional e pessoal. Esta conquista, segundo as participantes, inspirou a novas ações além de fornecer um prêmio em dinheiro para benfeitorias na Panificadora.

Percebemos o aprendizado a partir da ação de concorrerem à editais, pois a experiência ensinou que elas podem ser reconhecidas, inclusive financeiramente, por suas ações enquanto associadas. Aprenderam, nesse processo, formas de se organizarem, dividindo as tarefas entre si, para atenderem aos requisitos de um edital e também aprenderam que para esse tipo de iniciativa precisam estar dispostas a se dedicarem para atenderem os requisitos que cada edital solicita.

O aprendizado com as conquistas anteriores auxilia na superação de um problema relatado por elas como a dificuldade de trabalhar coletivamente devido aos conflitos que surgem na convivência. Muitas vezes, essas mulheres compartilham dos mesmos interesses que as aproxima e direciona suas ações no mesmo sentido. Quando os interesses pessoais sobressaem aos interesses do coletivo, surgem conflitos.

Ao conversarmos sobre o trabalho na panificadora, Jisele contou que tinham dificuldade devido a sobrecarga de trabalho e que estavam tendo muitos conflitos entre elas. Disse que muitas vezes pensou em parar com o trabalho na panificadora, devido as brigas e por achar, algumas vezes, que o retorno financeiro é incompatível com o excesso de trabalho. (Diário de campo V – Dia 09/09/2013 – Jisele)

Para continuarem construindo estratégias de superação das adversidades lhes impostas, as participantes da pesquisa aprenderam que precisam superar os conflitos que vão surgindo na convivência, e para isso, precisam se escutar, se respeitar, se ajudar, cumprir com os acordos estabelecidos e reconhecer suas limitações.

Eu sei que às vezes não sou fácil também. Às vezes estou cansada e não quero conversa. Às vezes a gente trabalha vários dias, na padaria e depois vem para a feira. Tem dia que é de manhã na padaria, à tarde nessa feira e a noite na estação. E chega no dia seguinte uma delas não pode ir para a feira como era combinado, e tenho que ir de novo. Aí o trabalho fica difícil. [...] Mas eu também tenho problemas e preciso faltar. Às vezes tenho que resolver umas coisas. [...] Se agente não se entende, não se ajuda, fica difícil. (Diário de campo V – Dia 09/09/2013 – Jisele)

Entendemos que, o que motiva o esforço de superarem os conflitos é o objetivo que as aproxima, o fato de compartilharem o mesmo projeto de promover saúde a partir de suas práticas de cuidado voltadas à população do assentamento. Elas percebem que seus conflitos muitas vezes acontecem como consequência de problemas na vida pessoal das envolvidas, problemas na organização do trabalho. A superação desses conflitos, quando é de interesse das participantes, é também um aprendizado que se dá na convivência cotidiana.

Participaram na organização de coffee break de cursos e eventos científicos e como expositoras em espaços oferecido para produtores rurais. Nesses espaços, promoveram os produtos da panificadora e divulgaram os trabalhos da associação com fotos, cartazes e informativos. Avaliaram a participação nesses como importante porque pesquisadores e grupos de estudos se aproximam da Associação e passam a desenvolver suas pesquisas no assentamento, auxiliando a população na solução de diversos problemas, como avaliações das questões sanitárias, soluções para questões agrícolas de plantio e colheita, avaliações dos animais, promoções de atividade turísticas que geram renda para os assentados.

Também participaram de festas e feiras e para isso se organizaram com antecedência e se capacitaram. Participaram de cursos que incluíam culinária, cuidados com higiene e conservação dos alimentos previstos pela vigilância sanitária e orientações para o cálculo dos custos e lucros dos produtos.

A participação em eventos e festas fora do assentamento é percebida como uma ação de superação à exclusão e invisibilidade da mulher camponesa. Jisele disse que uma das importâncias do trabalho das associadas é fazer com que todas se sintam confiantes e capazes de empreender gerando renda e adquirindo conhecimentos suficientes para ganhar autonomia.

Acho que a melhor coisa que fazemos aqui é ajudar essas mulheres a terem mais confiança nelas mesmas, podendo ganhar seu dinheiro, podendo comprar uma coisinha ou outra que querem, sem precisar pedir dinheiro para ninguém. [...] Aqui a gente estuda, aprende, viaja, conhece gente diferente, tudo pelo trabalho da padaria. (Diário de campo VII – Dia 14/08/2014 - Jisele)

Percebemos o trabalho e a geração de renda como importantes dimensões da vida que se relacionam à saúde. Também percebemos uma grande preocupação das participantes da pesquisa em relação ao uso de agrotóxicos os quais se configuram em fatores agressivos à saúde expondo as famílias a diversos riscos. Como ação de superação, elas investem na produção, consumo e comercialização de produtos orgânicos.

Maria e Elizete disseram que seus produtos promovem saúde, pois são livres de agrotóxicos ou fertilizantes químicos, no caso das hortaliças, frutas, leite e derivados e ovos. Os pães, biscoitos e bolos não possuem conservantes e são feitos a partir dos produtos orgânicos dos lotes. Além destes, também divulgam e comercializam o mel produzido no lote de uma das associadas. (Diário de campo V – 09/09/2014)

Percebemos o cuidado com a terra e a produção da alimentação, de atividades agrícolas às culinárias, como fator de proteção à saúde do meio ambiente e de todos os seres. Ensinar esse cuidado é um objetivo para elas. As participantes afirmam que ele pode e deve ser ensinado nas relações entre camponeses e não camponeses sejam crianças, jovens, idosos, mulheres ou homens.

Por fim, percebemos que ao se relacionarem nas ações de cuidado à saúde, entre elas e com o mundo, as mulheres vão construindo sua identidade, à medida que buscam solucionar os problemas que lhes desafiam, significam a si próprias, as outras e ao mundo. Elas reconhecem suas capacidades e suas limitações e se inspiram a novas ações baseadas em suas conquistas e dificuldades.

CONCLUSÃO

Ao investigamos os processos educativos decorrentes da prática social do cuidado à saúde de mulheres camponesas, entendemos que muito do que foi aprendido nessa prática vem sendo ensinado de geração em geração e é uma educação que acontece em grande parte no seio familiar.

Os processos educativos se baseiam no aprendizado de saberes que motivam a busca pela sobrevivência diária, pois é marcado de significados para o grupo. As formas de aprender

estão ligadas aos modos de vida, por isso, os processos educativos das populações do campo, do conhecimento da natureza e da vida comunitária são mantidos. Todos esses saberes e fazeres cotidianos demonstram como o conhecimento ancestral perdura, dando à comunidade uma forma tradicional de vida e de auto-organização (LARCHERT, 2014).

Freire (1979) e Fiori (1986) afirmam que as lutas pela libertação devem restituir ao ser humano a responsabilidade de educar-se e não de ser educado, deve tomar sua existência em suas mãos, reconhecendo-se e assumindo-se como sujeito, tornando-se protagonista de sua história. Para Freire (2005) a liberdade é uma conquista e não uma doação e exige uma busca permanente que se estabelece com o ato responsável de quem se coloca em movimento em direção ao ser mais.

Freire traz a desumanização como responsável por distorcer a vocação do ser mais; ela é uma “ordem injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos” (FREIRE, 2005, p.16). O autor considera que cada pessoa tem um modo particular de lidar com as opressões e pode escolher se quer ou não enfrentá-las. Todos encontramos em nossas vidas obstáculos, adversidades, barreiras que precisam ser vencidas, as quais o autor dá o nome de situações-limites.

As estruturas de opressão podem se apresentar como situações-limites a serem superadas com o anúncio do que Freire (2005) chame de inéditos viáveis. Para possibilitar o inédito-viável, é necessário se mobilizar, agir e descobrir o que põe fim as dificuldades que impedem o ser de ser mais. O inédito-viável é o projeto de libertação da comunidade engajada na transformação da realidade que não se configura como ato final, marcado pela denúncia dos oprimidos com consciência crítica, mas como busca constante do novo saber e fazer que já anuncia (FREIRE, 2005; DUSSEL, 2002).

Para ultrapassar a situação percebida, a fim de transcender e reconstruir o mundo, é preciso excedê-lo por meio de busca permanente. No processo educativo as pessoas se educam ao reconstruir seu mundo (FIORI, 1986). Educar-se nesse processo significa “tomar parte na construção do mundo, da sociedade em que se vive, construindo-se, isto é, elaborando sua identidade” (SILVA, 1987, p.70).

Na presente pesquisa, buscamos conhecer os processos educativos presentes nas ações de cuidado à saúde realizadas por camponesas do Assentamento Monte Alegre. Os dados coletados demonstraram mudanças no cotidiano das mulheres camponesas que, ao buscarem novas formas de gerar renda, formando associações, se capacitando constantemente, conquistam espaços de sociabilidade.

A iniciativa das mulheres camponesas de participarem de eventos culturais e científicos, fazerem parcerias com órgãos públicos, pleitearem oportunidades em editais, concorrerem a prêmios em concursos proporcionou seu aparecimento como sujeito político, constituindo espaços importantes de ressignificação de seus seres e fazeres.

Elas deixam de ter vergonha de si, e fazem de sua identidade camponesa um forte elemento na divulgação de seus produtos, naturais, caseiro, orgânicos, que ao invés de desvalorizarem a mercadoria, agregam valor ao produto final, devido a crescente procura por produtos livres de resíduos tóxicos, ou transgênicos.

Podemos afirmar que a inserção das mulheres camponesas em espaços de ampla sociabilidade tem possibilitado um aprendizado que também se dá em esferas organizativa e produtiva. Esse grupo de mulheres tem como perspectivas possibilitar às demais camponesas a incorporação de um saber/poder que deve refletir no processo de decisão das ações que beneficiem os assentamentos.

Certamente, as iniciativas dos movimentos de luta pela terra, no qual se incluem as participantes da pesquisa, compreendem a integralidade do ser humano em extensão com o ecossistema. Por isso, é essencial na discussão acerca das políticas públicas de saúde discussões sobre a agroecologia, sobre como cuidar do meio-ambiente, como produzir alimentos saudáveis, sem agrotóxicos.

Destacamos também a importância de se observarem questões relacionadas à forma como as mulheres camponesas aprendem e ensinam cuidado em saúde enquanto se relacionam nestes diferentes espaços sociais. Questões que, com certeza, devem compor uma agenda de pesquisa sobre a mulher camponesa e, além disso, podem estimular a inserção das mulheres nos processos decisórios de ações para a comunidade camponesa.

REFERENCIAS

AYRES, J. R. de C. M. **Cuidado:** tecnologia ou sabedoria prática? *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. [online]. 2000, vol.6, n.1, pp. 117-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARROS, M. E. B. de; GOMES, R. da S. **Humanização do cuidado em saúde: de tecnicismos a uma ética do cuidado.** *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2011, vol.23, n.3, pp. 641-658. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante.** 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 252p.

CARNEIRO, F. F. et al . Saúde de famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e de bóias-frias, 2005. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

DUSSEL, E. D. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 2002.

ERDMANN, A. L.; NASCIMENTO, K. C. do; MARCELINO, G.; RIBEIRO, J. A. **As interfaces do cuidado pelo olhar da complexidade: um estudo com um grupo de pós-graduandos de enfermagem.** *Esc. Anna Nery* [online]. 2005, vol.9, n.3, pp. 411-420. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 20 set. 2012.

FIORI, E. M. Conscientização e educação. **Revista Educação e Realidade**, v.11, n.1, p.3-10. Porto Alegre: UFRGS, 1986.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LARCHERT, J. M. **Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural Quilombola do Fojo – BA.** Tese (Doutorado) São Carlos : UFSCar, 2014.

37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis

OLIVEIRA, M. W.; SILVIA, P. B. G.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L.; GONÇALVES, L. **Processos Educativos em Práticas Sociais: Reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. 32ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2009.

SILVA, P. B. G. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. 1987. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SOUSA, F. R. de. **Saberes da vida na noite** : percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus. Dissertação (Mestrado) São Carlos : UFSCar, 2007.

TEIXEIRA, I. M. de C. **Saberes e práticas populares de saúde**: os processos educativos de mulheres camponesas. 2012. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSCar, São Carlos, 2012.

VÁZQUEZ NAVARRETE, M. L.; SILVA, M. R. F.; SILVA, M. R. F.; BRITO, E. S. V.; LIMA, M. A. **Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicadas em saúde**. Série Publicações Técnicas do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira - IMIP, Recife, n. 20, p. 51-94, 2009.

WUNSCH, S. et al. **Proteção: dimensão do cuidado em famílias rurais assentadas**. *Esc. Anna Nery* [online]. 2014, vol.18, n.3, pp. 533-538. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2012.